

Caiu na rede é sapo: a Rede de Memória do IBGE na web e nas redes sociais

INGRID LINHARES*

LOUISE VELOSO**

INTRODUÇÃO

A utilização do canal no *Youtube*, bem como a reformulação da linha do tempo para o site (<http://www.memoria.ibge.gov.br>) e para a própria página do *Facebook* (<http://www.facebook.com.br/ibgeoficial>) são fruto de esforços que, sem dúvida, não seriam realizados sem a interlocução com outras áreas de formação acadêmica. É neste sentido que se pretende, em um primeiro momento, discorrer a maneira pelo qual se reformulou a história da Instituição de maneira que pudesse ser contada no site através de fatos marcantes. A posteriori, a investida em uma linha do tempo também para o *Facebook*.

Entretanto, tão importante quanto essa apresentação, cabe mostrar a maneira como se faz perpassada a produção do historiador para o fomento de um projeto que se enquadra nas diretrizes apontadas pela chamada História Pública. Essa mesma forma de se fazer história na qual não está em voga somente a divulgação ou o ensino sobre determinados temas, mas sim:

“Pressupõe uma pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente.” (ALMEIDA e ROVAI,2011,p.7)

Tradição e inovação: História, Comunicação e Memória¹

*Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Estagiária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

** Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Estagiária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹ O presente trabalho foi desenvolvido sob a orientação de Leandro Miranda Malavota, doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), analista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pesquisador da Rede Proprietas. As opiniões emitidas neste artigo são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do IBGE.

Um instrumento de grande relevância para promover a aproximação do grande público com fatos marcantes da história do IBGE ficou a cargo da linha do tempo. Entretanto, tal investida, que parece ser algo bem simples, se mostrou um trabalho de fôlego para a pesquisa dos historiadores da casa.

Os primeiros passos se deram a partir da formulação de uma linha do tempo da história da Instituição para a web, que foi gerada pela Equipe de Memória Institucional do IBGE.

Nesta nova investida foi reiterada a inserção do projeto nas recentes determinações da Política de Comunicação Integrada, a qual não poderá ser longamente discutida dada o pouco espaço de que aqui dispomos. Sucintamente, trata-se de uma medida que vem sendo referendada a partir da gestão da atual presidente, Wasmália Bivar, e intermediadas, no tocante a Memória Institucional, pelo Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI). Era importante deixar claro que começava a ser desenvolvido um trabalho responsável pela elaboração de produtos de memória empresarial. Unia-se a tradição dos marcos legais da fundação ao processo inovador de preservação, (re)construção e disseminação da memória em torno da história da instituição. É desta maneira que vai ser apresentado como maior objetivo do projeto a formação e manutenção da *Rede de Memória do IBGE* e, assim, o site vai ser o grande cerne do núcleo virtual que vai sendo configurado.

Formado o espaço para a dispersão das informações relevantes a história da casa, que ficava sob os cuidados da Gerência de Serviços On-line (CDDI/GEON), se fez necessária a presença de uma linha do tempo que fosse capaz de sintetizar tantos momentos marcantes para a instituição. Entra em cena a pesquisa dos historiadores da Equipe de Memória Institucional.

A preocupação foi fundamentada nas seguintes questões: era crucial a construção de algo que traçasse a trajetória desse órgão de maneira simples e objetiva. Uma originalidade que faria um diálogo com o público leigo e/ou interessado no tema de maneira acessível, destacando fatos importantes que se fizeram presentes na vida do IBGE. É reiterado, mais uma vez, a política vigente de reforço da identidade “ibegeana” e todos os seus esforços na tarefa de construção da memória da Instituição.

Determinados os objetivos do plano, começam a ser pensados: de que maneira

escolheríamos as imagens? Como estabeleceríamos os critérios para a utilização de uma em detrimento de outra? Aqui as ações geradas pelo olhar dos historiadores constituem o diferencial.

As fontes, tanto imagéticas quanto textuais, eram inúmeras, mas a resposta para esta ação não estavam somente nos estudos da Geografia, da Estatística, do histórico das movimentações sindicais ou tantos outros. Era real a necessidade de uma síntese histórica do IBGE como um todo, na qual nenhum tema seria mais relevante que outro. Partindo de variadas leituras e iconografias, inicia-se a seleção das imagens para a linha do tempo que contou com a participação de um dos membros da Equipe de Memória do CDDI, Vera Abrantes (Bibliotecária com doutorado em Memória Social/Unirio). É estabelecido marcos cronológico e de periodização, dados pela literatura referente à história da fundação, que muitas vezes foram questionados e refutados pela inclinação na pesquisa dos próprios historiadores.

Imediatos critérios de escolha são respeitados e, dentre esses, foram elucidados questões que tangenciavam desde a demanda do espaço que é estabelecido pelo layout da página, como determinava o setor responsável, de forma rigidamente padronizada, a GEON, à percepção de imagens que não fossem somente ilustrativas, mas que, de alguma forma, dialogassem com o público que as veriam. Outro juízo crítico esbarrou no próprio estado em que se encontravam as iconografias no acervo e quais tinham condições de ser tratadas. Considerações técnicas dos profissionais encarregados do tratamento dessas foram, de mesmo modo, determinantes para a escolha de algumas imagens ao invés de outras. Estava exposta mais uma etapa para a formação da linha do tempo, principalmente no que tange à importância do tratamento e/ou digitalização das imagens separadas.

Entretanto, é imperativo recordar o quanto a relação estabelecida com variadas áreas profissionais se torna o divisor de águas do projeto e possibilitam a concretização do mesmo.

Concluído o processo de confecção da linha do tempo para o site, a Equipe de Memória Institucional do IBGE é provocada, meses depois. A profissional Camila Ermida Pinto, integrante do Núcleo de Redes Sociais do CDDI, indaga se não poderia ser feito o mesmo para a página da casa no *Facebook*. Vale ressaltar que esse núcleo foi constituído em 2012 com o intuito de sistematizar e alterar a inserção do instituto nas redes sociais.

Para tal, o Núcleo de Redes Sociais determinou a organização a partir de um

planejamento promovido por outra empresa que instruiu a melhor maneira de se realizar essa tarefa. O *Facebook* do IBGE, então, se tornou fruto desse mesmo núcleo e apresentou como primeira determinação a intenção de criar um espaço que ia além da troca de informações na rede. Delineou um local de interação entre os diversos setores do IBGE centrados em um sítio de fácil acesso.

Dessa maneira, inspirado em exemplos de "históricos por ano" para *timeline*, disponíveis em outras páginas da mesma rede social, a exemplo da página da Revista Veja (<http://www.facebook.com/Veja>), foi iniciado o trabalho em torno da organização de uma para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Na qual, seu grande objetivo, era o de atrair o usuário, por meio da linguagem telegráfica de uma rede social, para a linha do tempo do site, em uma versão voltada para a web.

A busca pela adaptação para o ambiente virtual é conjugada, mais uma vez, com o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Redes Sociais do IBGE, que geraram essa inquietação. Para o formato da página do *Facebook* foi necessário estruturar os textos de maneira inteligível, tornando-os de fácil acesso para o público leigo. Os textos escritos e iconográficos selecionados permitiram a formatação de uma narrativa de fluxo próprio, o que casou com a determinação da GEON de preocupação com os limites de espaço. A partir da escrita de manchetes (textos intermediários), de recursos estilísticos da área da comunicação social e da participação fundamental do jornalista Marcelo Benedicto Ferreira (CDDI/COMAR), vão aos poucos, sendo formadas *leads* (frases mais curtas) que associadas às imagens são capazes de atrair o interesse de pessoas leigas para a história da Fundação, em especial para a linha do tempo.

É desta maneira que o IBGE traça como um dos seus expoentes a introdução de políticas voltadas para a publicização das informações realizadas pela casa voltada para uma *Rede de Memória* que uniu tradição e renovação.

A História, a Comunicação e a Memória se unem em prol não apenas da perpetuação e divulgação do conhecimento, mas, de mesmo modo, por um esforço de valorização dos processos sociais e as mudanças pelas quais traduziram cada escolha que levou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística alçar o status e ganhar o espaço o qual conquistou no Brasil recente.

A História Oral é utilizada de forma recorrente pela Memória Institucional como

fontes para a compreensão da história do IBGE. É utilizada toda a metodologia recomendada para a confecção das entrevistas envolvendo levantamento de dados e preparação de roteiros anteriores a entrevistas e a gravação e conservação do material produzido para apresentação e pesquisa pública. No entanto, desde o ano de 2010, a Memória Institucional busca utilizar a História Oral de outras maneiras almejando atingir um público não acadêmico tanto de usuários internos quanto de usuários externos.

Existe, portanto, uma aproximação com a História Pública que segundo definição encontrada é uma:

“(...)construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise.”(ALMEIDA e ROVAI,2011,p.7)

A partir das entrevistas completas de história oral confeccionadas pela Memória Institucional do IBGE e com o lançamento do novo site surgiu a ideia, por meio da coordenadora de marketing Carmen Danielle Lins Mendes Macedo (CDDI/COMAR), de se produzirem clipes das entrevistas de história oral.

Os clipes seriam uma maneira de apresentar as partes mais cativante e/ou intrigantes de determinada entrevista, oferecendo uma amostra da entrevista completa. Instigando ainda mais aqueles que já estariam dispostos a assistir a entrevista e também possibilitando que um determinado usuário que, a princípio, não estaria interessado em determinada entrevista passasse a ficar ao ter contato com o clipe. Processo realizado após a realização e digitalização das diversas entrevistas presentes no acervo da Memória Institucional do IBGE.

Depois de digitalizadas as entrevistas passam por um processo de decupagem. Modificando o menos possível e tentando melhorar ao máximo o áudio – colocando-o em -6.0 decibéis- com o intuito de diminuir qualquer ruído que atrapalhe a compreensão da entrevista para que esta fique o mais apresentável e dinâmica possível ao chegar ao usuário. Depois desse processo passava-se, então, para a montagem dos clipes. São selecionadas passagens que possam despertar a curiosidade daquele que assiste ao clipe, não só referente à entrevista completa como também uma curiosidade possa ser instigada sobre a própria história do IBGE

e dos demais assuntos abordados nas entrevistas.

Após a realização da seleção, o vídeo passa por um processo de edição. É necessário ressaltar nesse ponto que a criação de um padrão de edição tanto para as entrevistas completas quanto para os clipes demandou um bom tempo e diversos testes a fim de se alcançar um padrão que ficasse visivelmente agradável a audiência, mas que também pudesse ser reproduzido sem grande dificuldade.

O processo de edição consiste em a partir das passagens selecionadas produzir o clipe. Por meio do padrão confeccionado pela Memória Institucional e do auxílio obtido junto a COMAR foi chegada a conclusão de que os clipes deveriam possuir no máximo cinco minutos de duração. Dessa maneira é possível abordar uma quantidade satisfatória de temas, oferecendo um *teaser* da entrevista, instigando a assisti-la por completo e sem dessa forma cansar aquele que assiste. Assim a pessoa que anteriormente não assistiria a entrevista por ter 120 minutos de duração possa vir a se interessar por ela ou, ao menos, ser apresentado ao telespectador um panorama do que foi abordado pelo entrevistado.

Mais do que a duração do clipe da entrevista há também uma padronização referente às transições bem como das vinhetas de início e término do clipe e também da entrada de um gerador de caracteres(GC) com a data da entrevista e o nome do entrevistado. Essa parte da edição foi produzida juntamente a uma designer – Regina Reznik (CDDI/GEON) - possibilitando a criação de um padrão viável a partir do software disponível.

Outra padronização necessária foi a do formato que seria gravado o vídeo. Mais uma vez foram necessários vários testes a fim de se encontrar um formato que não fosse muito grande e que, no entanto, possuísse uma qualidade de vídeo significativa. Após várias tentativas se chegou ao formato *MPEG-2* que possibilita o *upload* de forma relativamente rápida sem prejudicar a qualidade do vídeo. Dessa forma o público tem acesso não só ao clipe, mas também a entrevista através da internet- pelo site da memória institucional e também pelo *Youtube* – e em uma qualidade satisfatória aumentando o alcance da audiência das entrevistas de história oral produzidas pelo IBGE não só para o público interno como também para o público externo. Importante ressaltar que o padrão aconselhado pelo *Youtube* é o *MP4*, porém com os recursos disponíveis como a gravação da entrevista em fitas *HI-8* e a qualidade da digitalização da gravação muito aquém do ideal o formato que mais se adequou às necessidades da Memória Institucional foi o *MPEG-2*.

O clipe se mostrou uma ferramenta de grande importância para a aproximação da história oral a um público não acadêmico. A partir do site da Memória Institucional e do *Youtube* essa aproximação é feita de maneira ainda mais abrangente. Por essa razão foi criado no *Youtube* o canal Memória IBGE com o intuito de facilitar o acesso aos clipes e as entrevistas realizadas.

As entrevistas e clipes realizados encontram-se no *Youtube* e são também acessíveis pelo site da Memória Institucional. Acessando o clipe pelo canal *Youtube* são acrescentados alguns elementos novamente com o intuito de facilitar a pesquisa para público. Por meio do canal são encontrados os metadados tanto na entrevista quanto no clipe. Na parte *sobre* de cada clipe encontram-se informações como o sumário da entrevista, dados do entrevistado bem como o nome daqueles que realizaram a entrevista, data e local em que ocorreu bem como links para acessar a ficha técnica completa daquela entrevista, termos descritores – utilizados na indexação – e o site da Memória Institucional.

Além disso, há links tanto no vídeo, através dos recursos presentes no próprio *Youtube* (as anotações), quanto na descrição para assistir à entrevista completa e também para que a pessoa interessada possa se inscrever no canal da Memória IBGE. Com exceção da anotação que leva à entrevista completa as demais são extremamente comuns nos canais do site de vídeos. Como exemplo pode ser observado o canal Porta dos Fundos. Nesse canal há uma imagem representativa do canal – que no caso do canal Memória é o sapo Bartolomeu – que redireciona do vídeo para o canal contendo todos os vídeos e há também uma anotação ao final do vídeo para que o usuário seja redirecionado para a inscrição no canal.

Há também um termo que isenta o IBGE da responsabilidade do que é dito pelo depoente essa é uma maneira de garantir que não haverá nenhum tipo de censura a nada do que for dito pelo entrevistado. Um depoente com críticas à instituição poderá fazê-las, uma vez que ao assinar o termo fica claro que as opiniões emitidas não são do IBGE, mas sim do entrevistado. Garantido a função do historiador sem, no entanto, criar nenhum tipo de atrito com a instituição. Os aspectos citados são maneiras de interagir e facilitar o acesso dos usuários, mesmo aqueles que não estão no canal como pesquisadores e, por essa razão, dificilmente leriam a descrição completa com conteúdo mais detalhado.

Outro aspecto disponibilizado pelo site e que aproxima o usuário da história oral produzida pela memória institucional são as *tags* – palavras-chave que ajudam no referente

aos mecanismos de busca do *Youtube*. Mesmo não estando visíveis ao usuário do canal as *tags* são um recurso disponibilizado de extrema importância. Título, descrição e as *tags* auxiliam no momento em que usuário faz uma busca para achar o vídeo que procura. É importante ressaltar que colocar as *tags* de uma temática geral – História Oral- para uma específica – nome do entrevistado- também é um mecanismo que auxilia o usuário na hora de buscar o vídeo que procura.

Atualizações semanais também são uma forma de manter o público acessando o canal sem que essa se torne uma rotina maçante. O canal da Memória Institucional recebe duas entrevistas novas a cada semana, dessa maneira o canal se mantém sempre atualizado com entrevistas novas, obtendo sempre certa quantidade de acessos e principalmente aumentando o acervo de entrevistas disponíveis.

A internet e as redes sociais disponíveis são uma excelente maneira de divulgar e democratizar o conhecimento adquirido, ganhando uma audiência mais abrangente e mantendo uma interlocução com o público que acessa aquele conhecimento oferecido. A Memória Institucional percebendo a vasta comunicação concedida pela internet passou a utilizá-la como instrumento de divulgação e popularização de seus projetos.

“A internet é uma tendência irrevogável, e, como tal, só resta uma opção às empresas: adaptem-se a essa nova maneira de fazer negócios e aprendam a jogar segundo as novas regras.”(VAZ,2007,p.80.)

Por meio do que foi explicitado é possível perceber uma aproximação da Memória Institucional com a História Pública. Há uma interlocução com outros segmentos do instituto e a construção de um ambiente virtual utilizando meios de comunicação para popularizar a história.